

Narração Que Faz Um Sertanejo A Um Seu Amigo De Uma Viagem Que Fez Pelo Sertão

Tradução de um texto anônimo, em língua geral amazônica, do século XVIII

Eduardo de Almeida Navarro*

O *Vocabulario da Lingoa* é um dicionário manuscrito da língua geral falada no século XVIII em quase toda a Amazônia brasileira e também em territórios hoje pertencentes à Venezuela, ao Peru e à Colômbia. Essa língua foi aquela em que se expressou a civilização amazônica, que se definiu a partir da inserção dos índios no mundo do colonizador branco mediante sua escravização ou pela mestiçagem. Dezenas de povos indígenas diferentes a falaram. Índios de diferentes línguas e culturas conheciam-na. Com ela passou a se formar o Brasil caboclo do Norte, a civilização ribeirinha da maior região do país.

Até 1877 essa língua foi mais falada que o português na Amazônia, inclusive nas suas cidades, grandes ou pequenas, situadas às margens dos seus rios e igarapés: Belém, Manaus, Macapá, Santarém, Tefé, Óbidos, etc. Somente naquele ano é que o português a sobrepujaria no norte do Brasil, quando mais de quinhentos mil nordestinos, fugidos da seca, migraram para a Amazônia.

A língua geral amazônica, ainda falada no vale do rio Negro e, desde o século XIX, chamada também *nheengatu*, é irmã da língua geral meridional, que desapareceu no início do século XX. Esta se irradiara a partir da capitania de São Vicente para Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e para as capitanias do sul do país, seguindo o rastro dos paulistas que avançavam com suas entradas e bandeiras. Essas línguas gerais deixaram traços profundos nos nomes geográficos e na língua portuguesa do Brasil.

O manuscrito donde colhemos o texto que ora traduzimos está guardado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, sob o número 569. É anônimo, mas sua leitura permite-nos concluir que foi escrito por um missionário, talvez jesuíta, poucos anos antes da expulsão de sua ordem religiosa do Brasil, ocorrida em 1759. É a única literatura conhecida em língua geral amazônica que nos veio do Brasil colonial. É, portanto, texto preciosíssimo. Divide-se em três partes. A primeira e a terceira já se encontram editadas, com suas respectivas traduções¹. Publicamos, agora, a segunda parte, que porta, no manuscrito, o mesmo título deste artigo.

As três narrativas, em versos, foram escritas por um mesmo autor. Nas duas primeiras, temos um narrador a falar em primeira pessoa e, ao

* Professor de Tupi Antigo e Nheengatu (Língua Geral) na FFLCH da USP. Autor de *Método Moderno de Tupi Antigo – a Língua do Brasil dos Primeiros Séculos* e *Dicionário de Tupi Antigo – a Língua Indígena Clássica do Brasil* (ambos pela editora Global), além de outras obras. (edalnava@yahoo.com.br)

¹ Navarro, Eduardo, A Escravização dos Índios num Texto Missionário em Língua Geral do Século XVIII. In *Revista USP*, 78. São Paulo, junho-julho-agosto de 2008.

_____, O Corista Europeu. Tradução de um texto anônimo, em língua geral da Amazônia, do século XVIII. In *Língua e Literatura*. São Paulo, FFLCH da USP, n. 27, 2009.

que parece, em caráter autobiográfico. Na terceira história, vemo-lo a narrar fatos na pessoa de um outro indivíduo, real ou imaginário. A intenção literária fica, assim, explícita.

Na presente narrativa, vemos um antigo apresador de escravos a falar de suas peripécias pelo interior do Grão-Pará. Ela é um retrato da vida quotidiana na Amazônia e, especificamente, no Pará, em meados do século XVIII. Ali vemos o catolicismo popular com seus santos, seus sincretismos e práticas mágicas, suas desobrigas, que aquietavam as consciências dos católicos com os sacramentos, mas sem transformar suas vidas. Vemos também a escravização dos índios com a cumplicidade de seus pares, os conflitos dos traficantes com os padres em aldeamentos, a corrupção dos agentes do Estado, a vida nos aldeamentos e comunidades ribeirinhas, a menção a antigas localidades, a prostituição e, até mesmo, a carência alimentar dos tempos coloniais.

Eis o texto e sua tradução. Não seguiremos a pontuação do texto original na tradução por ter sido ele escrito de forma muito livre.

Ixé copixápe catú	Eu, nos sertões, ²
Aimōgatyrō ygarucú,	conserto navios
Äëbé Apyabetà oçopár,	quando os índios deixam de seguir seu caminho.
Äé abé cōytè oiporacár	Eles também, afinal, os abarrota ³ .
Mojú cotý auatáuatá	Para Moju ⁴ eu viajava,
Xe tutýra cōpe apytá	ficando na roça de meu tio.
Oporandüb äé ixébo,	Perguntou ele a mim:
Maiabépe nde pyâ indébo?	-Qual é tua intenção?
Umamepe catú ereçó?	Para onde vais?
Abápe abé nde irũmo oçó?	Quem vai contigo?
Aé ixupé: Iepuxápe,	Disse a ele: -Para Iepuxaba,
Tapyýietà recoçápe	aldeamento de muitos tapuias ⁵ .
Mocõí Caraíba reté,	Dois senhores (vão comigo). ⁶
Umambäé xe moeté;	Cada um deles me respeita;
Ixe irũnamo oço potár,	comigo querem ir.
Xe abé inhēnga aporacár.	Eu também obedeco a suas palavras.
Äé xe Tutýra teité	Aí, aquele meu tio
Oinongucár cetá miapê:	mandou colocar muitos pães
Bejú xíca recé anhēng,	(falo dos beijuxicas ⁷)
Meza poçáme ocamēeng	na mesa enfeitada e os ofereceu.
Ëí ixébo: tiambäèu	Disse-me: -Vamos comer
Co miri äíra tembiú;	esta pouca comida.
Mojù çupí i porëauçub,	Moju, na verdade, é pobre.
Aipò recé äé noçauçüb.	Por causa disso, ele não a aprecia.

² O termo que aqui o autor emprega para *sertão* é *copixaba* (*kopir + sab + -a*), isto é, lugar em que se carpe, roçado.

³ Os apresadores de índios levavam-nos em navios ou canoas, muitas vezes em péssimas condições. Há documentação que mostra que muitos deles pereciam nessas viagens.

⁴ Moju é uma localidade do atual estado do Pará.

⁵ A análise interna do texto permite-nos concluir que ele foi escrito por um missionário em meados do século XVIII, mas antes de 1757. Isso porque ainda vigia o regime de aldeamentos indígenas sob o comando de padres, que foi abolido por Pombal naquele ano, quando, então, as missões foram laicizadas e transformadas em Diretorias de Índios sob o comando de autoridades civis.

⁶ Isto é, certamente dois negociantes de escravos.

⁷ Beijuxica é um “bolo de farinha de mandioca, pouco espesso e mais rico de tapioca, torrado de forma a se tornar quebradiço quando fresco”. (in Stradelli, 520)

Comandaí, tacacá abé,
Çupí catú äü ára iabé.
Arecò tres taräyra,
Ëu, ëi, nde xe rayra.
Cobè catú eté, aé ixupé,
Icatù pyrý erëù nde;
Ixe çocé nde tüübäè,
Tembiù recè ereicotemè.
Mocöi çupiá, ëi, arecó,
Äé bé äü ára iabiö;
Äé çupi xe möapycýc,
Xe righè ipýpe catú ocýc.

Taräyra äü äéreme,
Amò tembiù noicoreme
I cangoéra xe mocanëö,
Çupí Sam Braz xe pycyrö.

Mirí caöi tatà oröü,
Orocäu çupí catú,
Niti ocanhem xe çüi ára,
Acuáb mirí xe cüapára.

Anhenong kyçäba pupé,
Akér cöemramëbé,
Opicám üán catú cöaracý,
Apac cöyté; xe abé ambyacý.
Ixé Tutýra tüübäé,
Ixe irünamo oiemböé,
S^{ta} Cruz çupi oromonhang,
Padre Nosso abé oroçang.
Tacacà oröü äé rirè,
Niti oiecüáb amò mbäé;
Äé almoço mirí eté oicó,
Aanangái ruä äé aroirö.
Aiepabòc potar cöyté;
Ajüricò xe tutýra gué,
Erepotárpe mbäé amò?
Nde nhënga rupi aicò.
Ecoäi, ëi, xe anama guí,
Erür oiepè cunumí,
Oiepè abè cunhà mucu,
Acepymeëgne catú.
Äéreme, auiebéte, äé,

Feijões e tacacás⁸
comia eu todo dia.
-Tenho três traíras,
disse ele. *Come-as tu, meu sobrinho.*
-Muito bem, disse eu a ele,
é melhor que tu as comas;
tu és mais velho que eu;
precisas de comida.
-Tenho dois ovos, disse ele;
isso eu como cada dia.
Ele, na verdade, me consolou,
chegando bem ao fundo da minha
barriga.

As traíras comi, então,
por não haver outra comida.
Suas espinhas me cansaram.⁹
Na verdade, São Brás me livrou
(delas).¹⁰

Um pouco de aguardente bebemos,
ingerimos muita pinga.
Não perdi o juízo,
conhecendo um pouco os meus
companheiros.

Deitei-me na rede,
dormi durante toda a manhã.
Já fustigava bem o sol.
Acordei, afinal; e eu tinha fome.
Meu velho tio
comigo aprendeu:
fizemos o sinal da Santa Cruz;
rezamos também o Padre Nosso.
Tacacá tomamos depois disso.
Não se via outra coisa.
Aquele era o diminuto almoço;
de modo nenhum o enjeitei.
Queria partir, afinal:
-Eis que me vou,¹¹ ó meu tio.
Queres alguma coisa?
Estou às tuas ordens.
-Vai, ó meu amigo,
traze um rapaz,
uma moça também¹².
Eu te pagarei bem.
Então eu disse: *-Muito bem!*

⁸ Tacacá é um prato típico da Amazônia, uma sopa de goma de tapioca com tucupí, jambu, camarão e pimenta.

⁹ Isto é, por serem demasiadas.

¹⁰ São Brás nasceu na cidade de Sebaste, Armênia, no final do século III. Foi um médico que se converteu ao Cristianismo, tornando-se bispo daquela cidade. Foi degolado durante o reinado de Licínio, imperador do Império Romano do Oriente, em 316 d.C. Segundo uma velha tradição, quando ele se dirigia para o martírio, uma mãe apresentou-lhe uma criança de colo que morria engasgada por causa de uma espinha de peixe na garganta. Ele teria curado milagrosamente aquela criança, passando a ser considerado, desde então, o santo protetor da garganta.

¹¹ Figueira (*Arte*, 1687, p. 141) ensina-nos que esse era o cumprimento de despedida. A fórmula perdurou até o século XVIII, pelo menos, conforme vemos no texto.

¹² Isto é, o tio pedia escravos.

Toicò xe irùmo Tupã eté.
 Æé xe pytybóneme
 Indebo arúr æereme
 Ygàruçù pupè ãár üán,
 Apyabetà onhemoçainán;
 Oiapucuitàba opycýc,
 Coritéi Camutápe acýc.
 Æépe cüápára çüí,
 Aiár cetá mbãé mirí,
 Traçados, mocabas abé,
 Aipobãé xe mōabäeté.
 Mocõí ára riré catù,
 Acepiác cōyté Araticù;
 Açó çapyà Pai robaké
 Amëeng papéra ixupé.
 Opauán ëi Apyabetà;
 Ixupé anhëengâtã;
 Acepiác, ëi Pai cori,
 Cunumi goaçú mirí,
 Ipýri carúcme açò,
 Paí iëbýr papéra opycó;
 Cecè omãé catù catù:
 Noicóí, ëi, Apyabuçú,
 ybyrareregoàra guí,
 Ecenõi Pacicú miri:
 Icò cunumí, ëi, icatubé,
 Oicò cüáb cacáo recé.
 Auiebête ixupé anhëeng,
 Icò pitùba ereimeeng,
 Aipyà monghetà cōyté,
 Agoacem corí abá reté.
 Oicò ygarupàpe catù
 Mocõí ygàra puçaçù,
 Oiepé xe irúmo araçó,
 Tupã recé acëár amó.
 Açò copixába rupí,
 Aicò goarâma apyábarí,
 Agoacem apyába cetã;
 Moçapýr nhô aimonghetã.
 Amëeng cetã mbãé ixupé,

Que esteja comigo o Deus verdadeiro.
Se ele me ajudar,
a ti os trarei, então.
 Dentro do navio embarquei.
 Os índios fizeram provisões,
 pegaram os seus remos.
 Logo cheguei a Camutã.¹³
 Ali dos conhecidos
 tomei muitas pequenas coisas,
 traçados¹⁴ e armas de fogo.
 Isso me deu coragem.
 Depois de dois dias, precisamente,
 vi, enfim, Araticu.¹⁵
 Fui logo para diante do padre;
 dei um papel a ele.¹⁶
 Disse ele: *-Acabaram-se os índios.*
 Diante dele gritei.
 Disse o padre: *-Verei hoje*
um rapazinho;
de tarde vou para junto dele.
 O padre novamente o papel estendeu;
 para ele olhou muito bem.
 Disse: *-Não há índios adultos,*
ó comandante.
*Chama o pequeno Francisco.*¹⁷
 Disse ele: *-Esse menino é melhor;*
*sabe trabalhar com cacau.*¹⁸
 Disse-lhe: *-Muito bem,*
eis que me deste alento.
 Pensei, afinal:
-Encontrarei bons homens.
 Havia no navio
 dois barcos novos.
 Um comigo levei;
 por Deus deixei o outro.
 Fui pelo sertão
 para buscar índios.
 Achei muitos índios.
 Conversei somente com três.
 Dei muitas coisas a eles.

¹³ Também chamada *Cametã*, nome de localidade do Pará, às margens do rio Tocantins.

¹⁴ Metátese de *terçado*, variedade de espada de folha curta.

¹⁵ Araticu era o aldeamento onde o traficante queria apresar índios. É também nome de um rio afluente do Amazonas.

¹⁶ Isto é, deu-lhe um documento qualquer, lavrado por alguma autoridade corrupta de Belém, autorizando-o a apresar índios.

¹⁷ Francisco era o nome do menino que o padre estava oferecendo ao traficante, talvez querendo enganã-lo com uma falsa promessa.

¹⁸ O cacau é uma das drogas do sertão, nativo das cabeceiras dos grandes rios da floresta amazônica, donde passou para a América Central e sul do México (uma variedade conhecida como *Criollo*, que foi cultivada pelos astecas e maias) e para a Amazônia toda (a variedade conhecida como *Forastero*). O nome com que é conhecida tal planta provém da língua náuatle (*kakauatl*). Ele ainda hoje é encontrado em estado silvestre, sob as grandes árvores da floresta, já que é uma planta umbrófila. O cultivo do cacau começou oficialmente no Brasil em 1687, por meio de Carta Régia que autorizava os colonizadores a plantã-lo em suas terras. Foi no Pará que o cacau começou a ser plantado no Brasil, donde se alastrou para outras partes do país e, principalmente, para o sul da Bahia, em meados do século XVIII.

ygárpe ôár moçapýrbé;
Aiepabóc cöyté i xüí,
Oroçó oré rapé rupí.
Araçò Guavicurú igoàra

Mocöi apyàba cüapàra,
Cecè aierobiàr etè etè
Míra pycycára reté.
Paí róca robaké catù
Acepiác parreiral uçù,
Uuas ogoerecó cetá,
Maiaué catù äé itauá.
Päi çüí çupí aieruré,
Ëí, nití äé itauà eté,
Deiranhé bé itiarò catù
Deiranhèbé cëe catu.
Amondò pyçajeramè
Apyába balaio pupé,
Amò abè saca ogoeraçó,
Catù oiporacár saca nhó,
Äépe cecóreme amò Pai,
Nití cecatëým ixüí,
Oiepè nhó möacáruçù,
Çupí catù nopouçù.
Pai çüí uvas noieruré
Möacára recè iabareté,
Oimondò mamalúceté
Oipöoi çüér opabenhé.
Äé rirè opocápocá,
Ocuáb Caraíba cetá,
Iabáeté cecò aíba mirí
Noti, nem mirí, nem mirí

Arucaxápe nití acýc,
Äé Paí nöxemöapycyc,
Ixüíigoàra araçó abé,
Moçapýr catù apyábeté.
Tagipurú rupí auatá,
Oiecuáb Apyába cetá,
Ixébo cöyté oiepè ëí;
Taçó ndé irúmo S^{or} güí.
Ixé rorý catù cecé,
Amöapycýc opabenhé:
Seý apyába oporepymëeng;
Cetá mbäé ixupé amëeng.
Xe renöi agoéra bää,
Corí, ëí, ajür Senhor gué,

Na canoa embarcaram os três;
parti, enfim, dali.
Fomos pelo nosso caminho.
Levei uns que moravam em
Guavicuru,¹⁹
conhecidos de dois índios.
Neles confiava muitíssimo:
verdadeiros apesadores de gente.
Bem diante da casa do padre
vi um grande parreiral;
muitas uvas tinha.
Estavam bem roxas.
Pedi ao padre por elas.
Disse ele: *-Elas não estão bem roxas;
ainda não estão bem maduras;
ainda não estão bem doces.*
Fiz ir, de madrugada,
um índio com um balaio;
outro também levou saca.
Encheu bem somente a saca,
por estar ali outro padre.
Ele não foi avaro delas.
Um só renque²⁰
não recusou, na verdade.
Não pediu as uvas ao padre.
Nos renques o padre
mandou um meluco
colher todas.
Depois disso ficou rindo.
Conhecia muitos brancos.
Foi terrível seu pequeno mau ato;
não se envergonhava nem um
pouquinho.
A Arucaxaba²¹ não cheguei;
aquele padre não me agradava.
Levei moradores dela, também;
três índios, exatamente.
Por Tajipuru²² andei;
apareceram muitos índios.
A mim, enfim, um disse:
*-Hei de ir contigo, ó senhor.*²³
Eu fiquei muito feliz por isso.
Agradei a todos;
a seis homens retribuí,
muitas coisas dando a eles.
O que me chamou
disse: *-Venho logo, ó senhor.*

¹⁹ Aldeamento missionário não identificado.

²⁰ I.e., renque ou fila de parreiras. O padre não se importou com que o ladrão furtasse as uvas de um dos renques do parreiral, mas mandou um meluco, seu criado, colher as dos outros...

²¹ Nome de um aldeamento não identificado.

²² Nome de um aldeamento não identificado.

²³ Os próprios índios, muitas vezes, ofereciam-se ao trabalho servil, buscando alguns favores dos traficantes de escravos, como bebidas inebriantes, o que lhes era proibido nos aldeamentos comandados pelos missionários. No caso aqui narrado, contudo, eles enganaram o apesador de índios, recebendo deste vários presentes, sem se deixarem cativar.

Taraçò ranhé cò mbäe
 Ixe róca teitê pupê.
 Iabê onhêeng opabenhê,
 Ocëar aóama ombäe:
 Oreiebýr eçapyà catù
 Çupí noroicòì, ãi, pucú.
 Noiecuàb rüã apyabetà,
 Açarô, açarô ára cetá,
 Çupí catù açarô tenhé,
 Oiemoçarái xe recé.
 Xe pyäibeté äereime,
 Apyába noiebyreme;
 Mondabóruçú çupí oicó,
 Oimopòr anhangá recó.
 Cunhã poxí membýretà,
 Noçauçub Carãibetá
 Iandé çüi nocykýié,
 Nití abé iandé möetê.
 Gurupápe acýc cöytê,
 Açó Capitam robaké:
 Mbäe etá recé oporandúb,
 Tapyyietà nhó anhandúb,
 Sargento, Soraretà abé
 Fumo xe çüi oieruré;
 Aé: cosinha pupé oicò,
 Icatù ixüi peraçò.
 Opabenhê opocápocá,
 Ogoeraçó petýmâtã
 Oiepê nhó xe möetê,
 Oimëeng ixêbo piráem²⁸.
 Tucuretã tápe nacýc;
 Copixãba rupí apycýc,
 Çupí catù quatro apyába
 Opacatù kyrymbába.
 Xingüpe nití açó potár,
 Cetã catù apyába apapár,
 Naimopucú potár ára,
 Nouatãr iapucuitãra.
 Gurupatype açó çupí,

*Hei de levar primeiro estas coisas
 para minha casa.*
 Assim, falaram todos
 que deixariam suas coisas:
 -*Voltamos logo;*
na verdade não demoramos.
 Não apareceram os índios.
 Esperei, esperei muitos dias;
 na verdade esperei em vão.
 Brincaram comigo.
 Eu fiquei muito irado, então,
 por os índios não terem voltado.
 Agiram como grandes ladrões, de fato;
 obedeceram às determinações do diabo.
 Os filhos da puta²⁴
 não gostam dos brancos;
 não têm medo de nós
 nem nos respeitam.
 A Gurupá²⁵ cheguei, enfim,
 indo diante do capitão,
 por muitas coisas perguntando,
 os tapuios,²⁶ somente, observando.
 O sargento e os soldados
 pediram-me fumo.
 Disse: -*Na cozinha está,*²⁷
é bom, levai dele.
 Todos ficaram rindo:
 levaram tabaco duro.
 Um somente me agradeceu:
 deu-me peixe salgado.
 À aldeia de Tucuretã não cheguei.
 Pelo sertão apanhei
 quatro índios,
 todos valentes.²⁹
 Ao Xingu³⁰ não quis ir:
 contava muitos índios;
 não queria estender o dia;
 não faltavam remadores.³¹
 A Gurupatuba³² fui, na verdade,

²⁴ A tradução literal de *Cunhã poxí membýretà* seria *os filhos da mulher ruim*. O autor usou uma expressão eufêmica, de que não temos em português uma similar.

²⁵ Localidade situada na foz do rio Amazonas. Ali os portugueses haviam construído um forte em 1639 para conter o avanço dos holandeses pela Amazônia. Nele viviam militares.

²⁶ *Tapuio*, no presente texto, é o mesmo que *índio* ou *mestiço de índio*.

²⁷ Isto é, na cozinha do barco.

²⁸ Grafamos *piráem*, mas no original há um til sobre o *e*.

²⁹ No tupi antigo, *kyre'ymbaba* é índio valente e bravo, valentão, guerreiro. Opõe-se, pois, a índio cristianizado, manso, civilizado.

³⁰ Com efeito, a foz do rio Xingu fica bem próxima de localidades anteriormente referidas.

³¹ Os remadores dos barcos eram, invariavelmente, índios. Sendo essa uma função muito penosa e parca a alimentação deles, grande era a sua mortalidade, sendo necessário sempre novos braços escravos.

³² Gurupatuba era uma aldeia de índios situada às margens de rio do mesmo nome, o núcleo original do atual município de Monte Alegre, nome atribuído ao lugar por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, em 1758, com o objetivo de impor a língua portuguesa na Amazônia, enfraquecendo a língua geral. A vila, à feição lusitana, foi oficialmente fundada por ele, mas a partir de aldeamento feito por padres capuchinhos junto aos índios da antiga aldeia de Gurupatuba.

Xe rorý aóáma mirí;
 Tres Tupã Remimonhanga
 Xe çüi opotár poçanga.
 Æé mocõi Uataçãra,
 Xe irunamobè igoára,
 Oimëeng poçanga cetã
 Ixé abé anhemopurãtã,
 Tres ára catú ãepe aicó,
 Mocõi ruão peça aipyçó,
 De bertanha bé moçapýr,
 Aanangài rüã aimoiapýr.
 Cavados de primavéra abé
 Dozè ogoeraçó opabenhé,
 Fitta çüi varas cetã,
 Napapâr cüáb caõi tatã.
 Apytã porëauçüba,
 Anhanga remiauçüba,
 Iabé catú xe rerecò,
 Cetã mbãé ãe ogoeraçó.
 Anhemombëú uãn cecé,
 Paí xe iacaò eté eté:
 Ereimböacýpe catú?
 Oporandù Paí Pacicú.
 Aimböacý eté Paí guí,
 Naicõi Tupã recó rupí
 Xebo ãé Tupã monhyrô,
 Xe mbãé coéra aiacëó.
 Acëár Gurupatüba,
 Umáme naicó pitüba,
 Amô ára pupè ãepe açó,
 Xébo cöyté Tupã nhyrô.
 Amondóc ucár muncüba,
 Cecé oicò Iacumáüba,

Omonhang cem pocoaçába,
 Çupí ocýc cò papaçába.
 Topajópe cöyté acýc,
 Nãbã ãepe xe mōapycýc;
 Icatú pyrý curabé,
 Naimocucáo xe mbãé.
 Pyçaieramé oiepe õür,

para me divertir um pouco.
 Três obras de Deus
 de mim quiseram uns enfeites.³³
 Aqueles dois viajantes
 que estavam comigo
 deram(-lhes) muitas miçangas.
 Eu também me deleitei a valer.
 Três dias ali estive.
 Duas peças de Ruão³⁴ estendi
 e três de Bretanha.³⁵
 De modo algum eu as dobrei.³⁶
 Cávados de primavera³⁷ também,
 doze, levaram todos,³⁸
 muitas varas³⁹ de fita.
 Não saberia calcular a aguardente.
 Fiquei miserável,
 escravo do diabo.
 Bem assim me trataram;
 muitas coisas elas levaram.
 Já me confessei a respeito disso.
 O padre me repreendeu muitíssimo:
-Arrependeste-te bem?
 perguntou o padre Francisco.
-Arrependi-me muito, ó padre;
não aqi conforme a lei de Deus.
 A mim ele apaziguou a Deus.
 Minhas coisas antigas chorei.
 Deixei Gurupatuba
 para onde não estou manchado.
 Um outro dia ali fui;
 a mim, enfim, a paz de Deus.
 Mandeí cortar uma monguba.
 Nela trabalhou um piloto.

Fez cem talhos.⁴⁰
 Na verdade, bastou esse número.
 Ao Tapajoz, enfim, cheguei;
 ninguém ali me fez agrado;
 era melhor um curabi.⁴¹
 Não fiz passar minhas mercadorias.
 De madrugada veio um,

³³ Isto é, três prostitutas.

³⁴ Isto é, tecido de linho que se fabricava em Ruão, na França.

³⁵ Antigo tecido fino, de linho ou de algodão, proveniente da região francesa de Bretanha. O traficante estendeu pelo chão panos finos para se deitar com prostitutas.

³⁶ Isto é, não dobrou os panos depois do comércio sexual porque as mulheres os levaram consigo...

³⁷ Uma variedade de vinho verde, produzido na sub-região de Cávado, no noroeste de Portugal, uma das mais importantes regiões vinícolas do país. As parreiras ali são cultivadas com outras plantas, sobre as quais trepam (*vinha de enforcado*), desenvolvendo-se longe do solo. As que crescem sobre o milho de regadio desenvolvem-se na primavera e no verão. Daí cremos provir a expressão *cávados de primavera*, porque é vinho que provém de uvas crescidas durante aquela estação em Portugal.

³⁸ As prostitutas levaram embora doze garrafas daquele bom vinho...

³⁹ Antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a cinco palmos, ou seja, 1,10m. Porção de tecido com o comprimento dessa medida. (in *Dicion. Caldas Aulete*)

⁴⁰ Ele, aí, se refere à construção de uma canoa a partir de uma única tora de munguba, árvore bombacácea. Com cem machadadas, somente, o índio piloto do barco fez uma canoa.

⁴¹ Pequena flecha ervada, de uso entre os indígenas do norte do Brasil.

Cuias oguerúr moçapýr,
 Caõi amëeng ixupé,
 Æé, eimocũâr nde iöecé
 Xe pýri öür soraretá,
 Oieruré mbäé cetá,
 Mocacũí, monição abé,
 Petýmabé, e paratíe⁴³.
 Pecepiác cöyr carúc üân,
 (Iabé soraretá aganan)
 Uirandê patuá çüí aiöóc,
 Pyçaieramè aiepabóc.
 Açaçao nhò Pauxí rupí,
 Nambäé apotár i xüí;
 Acýc potár iepurápe;
 Apytâ mirí çaracâpe.
 Abacaxipe abé aiepotár;
 ygâra äépe aiporacár:
 Cinco apyâba catú araçó,
 Paí nhemíma rupí nhó.
 Aierurè iepé ixüí,
 Çupí catú catuçába rupí;
 Æé opocâ nhó xe recé,
 Nem mirí, ëí, nem oiepé.
 Lá me dyse pa o Leste,
 Ia que yso mesmo quizeste,
 E bem podias alcançar,
 Como à qui não há q arran
 Modestamente respondi eu;
 Irei andando Padre meu:
 Só lhe peço pa jantar,
 O q tiver p^a me dar.⁴⁷
 Oiepé nhó capitari
 Oguerúr ixébo icunumí;
 Cöyté amäé çóca recé,
 Çupí catú xe nde mböé.
 Corí xébo erecepymëeng:
 Piloto äéreme onheeng:
 Mbäé ripe nde pyäíba?
 Nitípe nde Caräíba?
 Acuáb copixába cetá,
 Çupí äépe oicò apyábetâ;
 Tiaracò apyâba äé çüí,
 Paí topycyrò nde çüí.

e trouxe três cuias.
 Dei pinga a ele.
 Disse eu: *-Cuida de ti.*
 A mim vieram soldados;
 pediram muitas coisas⁴²:
 pólvora, munição também,
 fumo e parati doce⁴⁴.
 Vede agora que entardeceu.
 Assim enganei os soldados:
 tirei a sorte do patuá;⁴⁵
 de madrugada parti.
 Passei somente pelos Pauxis;⁴⁶
 nada quis deles.
 Queria chegar a Japuraba;
 fiquei um pouco em Saracaba;
 a Abacaxi também aportei.
 A canoa ali enchi;
 cinco bons índios levei
 escondido do padre.
 Pedira um deles.
 A bem da verdade,
 ele só riu de mim.
 Disse: *-Nem pequeno nem um só.*
 lá me disse. *-Para o Leste,*
já que isso mesmo quiseste
e bem podias alcançar,
como aqui não há o que arranhar,
modestamente respondi eu,
irei andando, Padre meu;
só lhe peço para jantar
o que tiver para me dar.
 Só um capitari⁴⁸
 trouxe-me um menino seu.
 Enfim, olhei para sua casa:
-Na verdade eu te ensino;
hoje a mim pagarás.
 O piloto, então, disse:
-Por que estás irado?
Não és cristão?
Conheço muitos sertões
onde há muitos índios.
Levemos índios dali.
O padre os livre de ti.

⁴² Ele narra, aqui, uma situação de esbulho feito por soldados. Ele se livrou, porém, deles, partindo de madrugada.

⁴³ Com til sobre o e, no original.

⁴⁴ Parati é nome de uma variedade de aguardente produzida originalmente na localidade de mesmo nome.

⁴⁵ A palavra *uirandé* (em tupi antigo *oïrandé*, “amanhã”, “o dia seguinte”) passou a significar também, na língua geral amazônica, *futuro, sorte, sina*. *Patuá*, no sentido usado no texto, é um objeto de devoção formado por dois pequenos quadrados de pano bento, com orações escritas ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço (in *Dicion. Caldas Aulete et al.*). No caso acima, o traficante, que estava sendo explorado por soldados corruptos, decide partir por ter consultado seu patuá, onde deviam estar escritas frases diversas, que ele interpretou como lhe parecia mais correto.

⁴⁶ Indivíduo dos Pauxis, povo indígena extinto que habitava a foz do rio Xingu, no Grão-Pará.

⁴⁷ Aqui reproduzimos o texto que, originalmente, está em português.

⁴⁸ *Capitari* é o macho da tartaruga, de carne não muito boa.

Copixába rupí auatà,
Acepiác carapinetà,
ygaruçú catú oimonhang,
Caõi aéreme oçãang.
Xe çüi nití oiabàb,
Cetà catú ixüi xe cuáb;
Cinco nhó xe irümo araçó,
Amô ygára recê toicô.
Xe rakicoéra cöytê öür
Mamalüco Pai omböür;
Äé onhemöabäetê,
Oçacêçacémbé eté eté.
Xe iacaó maiabé catú;
Äé: ecekendáo nde jurù:
Onhecaméeng amöetâ,
Cöytê nití önhéengätâ
Orobâc ucár ygára,
Nhyhnyguár i pyà piàra;

Coritéi çobajüba abé,
Çupí catú äé ocykyié.
Piloto xebo omombëü.
Iqué recöi oca catú,
Amäé äereme cecé,
Çupí, aé, nití nde poité.

Eçapyá acem ygára çüi,
Açó cöytê äé oca rupí,
Aporandü goaimí çupé;
Icó oca abâ mbäetäé?
Xe Pâi copixába róca,
Äé xe porëauçubóca,
Ëi goaimí: aicotemé,
Copixába oiméeng mbäé
Xe iopói iepè xe Mây guí,
Auiebête cepý rupí,

Çupí catú xe ambyacý,
Äé recê ajúr iqué cotý.
Nambäe arecô Senhor guí;
Iabé ëi ixébo goaimí;
Nitípe çapucáia?, aé;
Nouatâr iqué amô mbäé.
Çapucáia cetâ oicouê;
Paí rëymbába opanhé;
Ndébo çupi naimeengcüáb,
Xe rí tenhé nde putupáb.
Ixé nde Paí camarára,
Nde Paí abé xe rauçupára;
Ereicô cüáb xe iopoitára,
Aipó opotár Iandé Iára.

Andei pelo sertão;
vi muitos carpinteiros
que faziam um bom navio.
Pinga então provaram;
de mim não fugiram.
Muitos deles me conheciam.
Cinco somente comigo levei
para trabalharem noutra barca.
Atrás de mim, enfim, veio
um meluco; trouxe o padre.
Ele se irritou;
ficou gritando muitíssimo;
brigou muito comigo.
Disse eu: *-Fecha tua boca.*
Ofereceram-se outros.⁴⁹
Enfim, não vociferou mais.
Mandamos mudar a direção do barco.
Confrangidas estavam as defesas de
seu coração;
logo ficou pálido também.
Na verdade, ele tinha medo.
O piloto a mim anunciou:
-Aqui está uma boa casa.
Olhei, então, para ele
e disse: *-Mas não te convidaram para
comer.*
Imediatamente saí da canoa;
fui, enfim, através daquela casa.⁵⁰
Perguntei a uma velha:
-Esta casa é de quem?
-É a casa da roça do meu padre.
Ele é o que se compadece de mim,
disse a velha. *-Preciso
de um roçado que dê mantimentos.*
Alimenta-me tu, ó minha mãe,
*ó sim, por remissão (dos teus
pecados).*
É muita a minha fome;
por isso eu vim para cá.
-Nada tenho ó senhor;
assim me disse a velha.
-Nem uma galinha? eu disse.
Não falta nada aqui.
Há muitas galinhas,
todas criações do padre.
-A ti na verdade, não posso dá-las;
comigo não te abasteces.
-Eu sou camarada do teu padre;
teu padre é também meu amigo;
podes me alimentar;
isso quer Nosso Senhor.

⁴⁹ Isto é, mais índios manifestaram-se dispostos a se entregar ao apesador de escravos, voluntariamente, em troca de aguardente e de outras coisas que ele lhes dava.

⁵⁰ As casas eram muito compridas, cobertas de sapé, com um vasto copiar, aberto. Daí o autor dizer que foi *através da casa*.

Noicói cöyté goaimí poxí	Não agiu, enfim, a velha má
Xe nhêenga catù rupí:	segundo minhas boas palavras.
Çapucáia apycýc ucár,	Mandei pegar as galinhas;
Quatro panacù aporacár.	enchi quatro panacus. ⁵¹
Goaimí cöyté oçacéçacem;	A velha, então, ficou gritando,
Xe Paí çupéne, éi, amocém ⁵²	dizendo: <i>-A meu Padre mandarei</i>
	<i>fazer-te pagar</i>
Icò nde recò aíb uçù;	<i>este teu ato muito mau.</i>
Nde recène oicó Pai guaçu:	<i>Contigo o bispo vai brigar.</i>
Äé: nde nambäé ráma,	Disse eu: <i>-Tu nada (farás).</i>
Xe remiauçúba rama,	<i>Como minha escrava</i>
Icatubé xe nde reraçó,	<i>eu posso te levar;</i>
Ixe copixápne ereicò.	<i>nos meus roçados estarás.</i>
Aipobäé anhëengramè	Quando eu falei isso,
Goaimí oiabáiabáb eté,	a velha desatou a fugir.
Apocá maiabé catú,	Ri bastante;
ybype xe reityc pocà uçù.	no chão um grande riso fez-me cair.
Aiepabòc äé çüí,	Parti dali.
Pai rëymbába äü pe rupí,	As criações do padre comi pelo
	caminho.
Çupí catú ikyrá goaçú.	Elas estavam realmente bem gordas;
Äé abé turuturuçú.	elas também estavam bem grandes.
Iabé ixébo ocepymëeng,	Assim me pagaram.
Capitarí recé anhëeng,	Falei ao capitão:
Iabè catù aimböé äé Paí,	<i>-Assim bem ensinei aquele padre.</i>
Cöyr tonhëeng xe rí	<i>Agora hão de falar de mim</i>
Morobixába, Ovidor abé,	<i>o Governador, o Ouvidor também.</i>
Aanangâi oicò xe recé,	<i>Não me interessa de modo algum.</i>
Paí cupè anhemombëü uân,	Ao padre já me confessei.
Morandüba cöyté opauan.	As notícias afinal se acabaram.
Tupã çupí turuçú eté,	Deus é, de fato, muito grande.
Inhyrò opabenhé cupé,	Ele perdoa a todos
Auiebetè angaipáb uçù,	um grande pecado;
Ixüí Tupã turuçú.	Deus é maior que ele.
Tupã morauçubár uçù,	Deus é muito compassivo.
Iandé rauçüb çupí catú,	Ele nos ama de verdade;
Opotar nhó iaimböäcý,	quer somente que nos arrependamos.
Aipobäé nití çacý.	Isso não é difícil.
Iepurape acýc cöytè,	A Jipurá ⁵³ cheguei, enfim.
Açò tapyýia recé	Fui por causa dos tapuios;
Ygarupápe aiepotár,	cheguei ao porto;
Tubixába acenôí ucár.	mandei chamar o tuxaua. ⁵⁴
Öür júri rubixába,	Veio o chefe dos Iuris. ⁵⁵
Opópe ogoerúr mocába,	Em suas mãos trazia pólvora.
Ī irúnamo aiecotýár vel	Com ele me aliei; ⁵⁶
Cecè catù aiecotýár ⁵⁷	

⁵¹ Variedade de cesto, com tampa; canastra.

⁵² O verbo *mocém* significa *fazer sair*. Stradelli traduz *mucema* por *remir, livrar, resgatar*. O sentido que esse verbo adquiriu no século XVIII tinha, certamente, um conteúdo religioso, sendo ele usado com o sentido de *expiar* (pecados, atos maus, etc.).

⁵³ Localidade não identificada.

⁵⁴ Tuxaua é o mesmo que *cacique*, o chefe de um grupo indígena.

⁵⁵ Indivíduo dos Iuris, povo indígena extinto.

⁵⁶ Veja-se que o próprio chefe de um grupo indígena (os Pauxis) era conivente com a escravização de seus companheiros.

Inhëengabé aiporacár,	obedeci a suas palavras.
Aipyropán cetá mirí	Comprei muitos pequenos,
Cunhãmucú etá, e Cunumí,	muitas moças e meninos.
Oropycýc cetá catú,	Apresamos muitos,
Opabenhé cunumí goaçú,	todos os rapazes.
Coritéité aiepabóc,	Logo parti.
Paranà rupí aiparabóc,	Pelo rio escolhi
Moçapýr tũibãe uçú,	três velhos, bem velhos.
Çupí ocepiác pytún uçú.	De fato enxergam na escuridão. ⁵⁸
Moçapýr bê goaimí reté	Três velhas também.
Çakycóera amondó cöyté,	Segui-os, então, enfim.
Aãangài öü cüáb öi,	De modo nenhum podiam comer
	farinha;
Aanangáité abé öü caöi.	de modo nenhum bebiam pinga.
Ycyrýca irúmo auatá,	Com o rio que corria eu viajava.
Pauxípe aanangài apytá,	Nos Pauxis não fiquei de modo algum.
ppytera rupí oroçó,	Fomos pelo meio do rio;
Oiecuáb üán Cãapöõ.	apareceu uma ilha:
Gurupã cáapoö äé	era a ilha de Gurupá.
Mirí nhó ixüi acykyié,	Tive um pouco de medo dela.
Oroçó cãapöõ rupí,	Fomos pela ilha;
Apocã mocaböca uí.	estourei pólvora.
Xe copixápe catú acýc,	Ceguei à minha roça;
Tapyyietã amöapycýc,	matei a fome dos tapuios
Xe irunamogoãra çupé,	e aos que moram comigo
Aimëeng quatro tuibãe,	dei os quatro velhos.
Nãbã xe çüi oipycyrö,	Ninguém os libertou de mim.
Cecé nãbã xe mocanëö,	Ninguém me perturbou por causa
	deles.
Cöecenheým xe cópe oicó,	Antigamente estavam em minha roça.
Çupí xe tomaramo amó.	É verdade que eu tomei outros.
Anhemombëü uán cecé	Já me confessei disso. ⁵⁹
Eimëeng umé abá çupé,	- <i>Não os dê a ninguém,</i>
Ëi Paí: eimocüár abé cecé,	disse o Padre; - <i>Cuida também deles</i>
Nde räyretã iabé.	<i>como de teus filhos.</i>
Aé; cobé catü eté eté.	Disse eu: - <i>Eis que tudo está muito</i>
	<i>bem.</i>
Ah Tupã ocuáb aipobãe!	<i>Ah, Deus sabe disso!</i>
Maiãbé i irúmo aicö,	<i>Assim como estou com ele,</i>
Maiabé äé xe rerecó.	<i>assim ele me tem consigo.</i>
Cöýr çupí xe anga aganan,	Agora, é verdade que minha alma
	enganei,
Tëö rí nanhemoçainán	com a morte não me preocupe,
Co ára mbãe rí aiporará,	pelas coisas deste mundo eu sofri
Çupí na xe anga recé rüã.	e não por minha alma.
Aruanëým eçapyã ipó	De forma inadequada, de súbito
Xe pýri öurne xe rëö;	a mim virá minha morte.

⁵⁷ O texto apresenta uma expressão variante, com o mesmo sentido. O termo *vel* é latino, significando *ou*.

⁵⁸ Era bem conhecida a habilidade dos índios em guiar as embarcações, inclusive à noite, por sua grande acuidade visual. Claude d'Abbeville (cap. LI) fala-nos disso: "*Durante nossa viagem de regresso, os índios que trazíamos conosco, muito antes de qualquer tripulante, percebiam os navios no horizonte graças a sua vista maravilhosa*".

⁵⁹ O apresador de escravos mostra que era considerado pecaminoso escravizar pessoas velhas para o trabalho penoso das roças. Havia, assim, uma ética na escravidão, que os conselhos do padre, expressos nas linhas seguintes, deixam ainda mais explícita.

Mbäépe äéreme agoacem?	Que, então, hei de encontrar?
Mbäé pabe ocanhem	Todas as coisas desaparecem.
Aipyâ monghetâ potâr,	Quero meditar.
Pâi catù cori acecâr;	Um bom padre procurarei
Taicò porëauçubóra,	para que eu me penitencie
Xe rëõ riré ybakipóra.	e, após minha morte, um habitante
	do céu (eu seja).
Coritéi i có ára oçação,	Logo este mundo passa,
Amò recobé niti opáb,	a vida do outro não acaba.
Quatro nhó tapyíia recé,	Por causa de somente quatro tapuios
Acanhemne auieramanhê!	hei de me perder para sempre! ⁶⁰
Xe cüapâra agoéra omanó,	Meus antigos conhecidos morreram.
Umámepe ì angoéra oçó?	Para onde suas almas foram?
Äé tapyyietâ oipocoár abé,	Eles apresaram tapuios também;
Ocëár òanáma çupé.	deixaram-nos para seus parentes.
Xe anâma ambyra cetá	Meus parentes, muitos são defuntos.
Opocoár tapyyietâ;	Apresaram tapuios.
Mbäépe cöýr ogoacem?	Que encontram agora?
I angoéra ipò ocanhem.	Suas almas certamente se perderam.
Opacatù icò ára mbäé,	Todos os bens deste mundo,
Mbäé rámape opabenhé?	para que todos eles?
Ocanhem ramé xe angoéra,	Se minh' alma se perde,
Ocanhem abé xe mbäé coéra.	desaparece também o que foi meu.

CONCLUSÕES

O texto que lemos acima ilustra bem as contradições da sociedade colonial brasileira, em que a escravidão indígena, embora condenada em vários momentos por documentos da Igreja e por cartas régias, subsistia como elemento necessário para a ordem econômica vigente. A colonização da América, nas partes em que o modelo econômico agro-exportador dominou, não podia prescindir da mão-de-obra escrava. Toda a nossa história colonial foi dominada por esse dilema insuperável entre a moral cristã, ferida frontalmente pela brutalidade do apresamento de centenas de milhares de seres humanos, mesmo em tenra idade, para o trabalho forçado nas fazendas, nas minas, nas casas de família, nos conventos, nas tropas, nas embarcações, e a necessidade premente que o capitalismo mercantil tinha desses braços para colonizar um continente imenso e fortalecer a economia de alguns Estados europeus.

Muitas vezes crítica, muitas vezes cúmplice, a Igreja não podia passar ao largo dessas contradições. Se ela produziu espíritos proféticos como Bartolomeu de Las Casas, que abertamente pugnaram contra a escravidão dos índios, também medraram à sombra do catolicismo colonial muitos espíritos tacanhos que se acomodaram a uma situação que o Antigo Regime referendava. Catolicismo de resignação, de salvação da alma, de pastoral

⁶⁰ Ver nota 59.

exclusivamente sacramental, útil para a justificação das iniquidades sociais, foi, às vezes, incômodo para o *status quo* vigente.

A língua geral, em que o texto acima está escrito originalmente, ainda é falada no vale do Rio Negro, no estado do Amazonas, região que, por seu isolamento, permitiu que ela ali perdurasse. Ali ainda a ouvimos nas comunidades ribeirinhas, nas vilas e cidades, nos castanhais e nos igarapés. Ali ainda temos idéia do que foi a vida no Estado do Maranhão e Grão-Pará, independente do Estado do Brasil e administrado à parte deste até a independência do nosso país.

E quanto desse tempo ainda existe nessa Amazônia profunda, que ainda não foi afetada pelo agro-negócio, sendo resquício de um Brasil antigo, de rostos caboclos, com canoas a singlar incessantemente os seus cursos d'água, com muitas histórias contadas por seus habitantes, que ainda vêem o Curupira na floresta e monstros terríveis nos seus rios...

BIBLIOGRAFIA

- D'ABBEVILLE, Claude, *História da Missão dos padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*. EDUSP / ITATIAIA. São Paulo, Belo Horizonte, 1975, tradução de Sérgio Milliet.
- IBGE, CIDADES. In <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>
- NAVARRO, Eduardo, *Dicionário de Tupi Antigo – A Língua Indígena Clássica do Brasil*. São Paulo, Editora Global, 2011.
- STRADELLI, Ermano, Vocabulários de língua-geral português-nheengatu e nheengatu-português. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 158, Rio de Janeiro, 1929.